



# DIÁRIO

## da Assembleia da República

IV LEGISLATURA

1.ª SESSÃO LEGISLATIVA (1985-1986)

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 6 DE MAIO DE 1986

(SESSÃO SOLENE DE BOAS-VINDAS

A SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL)

Presidente: Ex.<sup>mo</sup> Sr. Fernando Monteiro do Amaral

Secretários: Ex.<sup>mos</sup> Srs. Reinaldo Alberto Ramos Gomes

José Carlos Pinto Basto da Mota Torres

Rui de Sá e Cunha

José Manuel Mala Nunes de Almeida

**SUMÁRIO.** — O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 14 horas e 50 minutos.

Na primeira parte da ordem do dia, a Assembleia aprovou o projecto de resolução n.º 19/IV, para a constituição de uma comissão com o objectivo de promover o diálogo e a cooperação entre Portugal e o Brasil e respectivas instituições parlamentares.

Na segunda parte, constituída pela sessão solene de boas-vindas a S. Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República Federativa do Brasil, José Sarney, usaram da palavra os Srs. Deputados José Manuel Tengarrinha (MDP/CDE), Adriano Moreira (CDS), Carlos Brito (PCP), José Carlos Vasconcelos (PRD), Manuel Alegre (PS) e Victor Crespo (PSD), e, por fim, os Srs. Presidentes da Assembleia da República e da República Federativa do Brasil.

O Sr. Presidente encerrou a sessão eram 17 horas e 35 minutos.

O Sr. Presidente: — Srs. Deputados, temos quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

Eram 14 horas e 50 minutos.

Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:

Partido Social-Democrata (PPD/PSD):

Abílio Gaspar Rodrigues.  
Adérito Manuel Soares Campos.  
Alberto Monteiro Araújo.  
Álvaro Barros Marques de Figueiredo.  
Álvaro José Rodrigues Carvalho.  
Amândio Anes de Azevedo.  
Amândio Santa Cruz Basto Oliveira.  
Amélia Cavaleiro Andrade Azevedo.  
António d'Orey Capucho.  
António Joaquim Bastos Marques Mendes.  
António Manuel Lopes Tavares.  
António Paulo Pereira Coelho.

António Roleira Marinho.  
António Sérgio Barbosa de Azevedo.  
Arlindo da Silva André Moreira.  
Arménio dos Santos.  
Arnaldo Ângelo de Brito Lhamas.  
Aurora Margarida Borges de Carvalho.  
Belarmino Henriques Correia.  
Cândido Alberto Alencastre Pereira.  
Carlos Alberto Pinto.  
Carlos Miguel Maximiano Almeida Coelho.  
Cecília Pita Catarino.  
Cristóvão Guerreiro Norte.  
Daniel Abílio Ferreira Bastos.  
Dinah Serrão Alhandra.  
Domingos Duarte Lima.  
Domingos Silva e Sousa.  
Fernando Dias de Carvalho Conceição.  
Fernando José Alves Figueiredo.  
Fernando José Próspero Luís.  
Fernando José Russo Roque Correia Afonso.  
Fernando Manuel Cardoso Ferreira.  
Fernando Monteiro do Amaral.  
Francisco Jardim Ramos.  
Francisco Mendes Costa.  
Francisco Rodrigues Porto.  
Guido Orlando de Freitas Rodrigues.  
Henrique Luís Esteves Baidão.  
Henrique Rodrigues Mata.  
João Álvaro Poças Santos.  
João Domingos Abreu Salgado.  
João Luís Malato Correia.

João José Pedreira de Matos.  
 João José Pimenta de Sousa.  
 João Maria Ferreira Teixeira.  
 Joaquim Carneiro de Barros Domingues.  
 Joaquim Eduardo Gomes.  
 Joaquim da Silva Martins.  
 José de Almeida Cesário.  
 José Ângelo Ferreira Correia.  
 José Assunção Marques.  
 José Augusto Santos Silva Marques.  
 José Filipe de Athayde Carvalhosa.  
 José Francisco Amaral.  
 José Guilherme Coelho dos Reis.  
 José Júlio Vieira Mesquita.  
 José Luís Bonifácio Ramos.  
 José Manuel Rodrigues Casqueiro.  
 José Maria Peixoto Coutinho.  
 José Mendes Bota.  
 José Mendes Melo Alves.  
 José Pereira Lopes.  
 José de Vargas Bulcão.  
 Licínio Moreira da Silva.  
 Luís António Damásio Capoulas.  
 Luís António Martins.  
 Luís Jorge Cabral Tavares Lima.  
 Luís Manuel Costa Gerales.  
 Luís Manuel Neves Rodrigues.  
 Manuel Ferreira Martins.  
 Manuel João Vaz Freixo.  
 Manuel Joaquim Dias Loureiro.  
 Manuel Maria Moreira.  
 Maria Antonieta Cardoso Moniz.  
 Mário de Oliveira Mendes dos Santos.  
 Miguel Fernando Miranda Relvas.  
 Reinaldo Alberto Ramos Gomes.  
 Rui Alberto Limpo Salvada.  
 Rui Manuel de Oliveira Costa.  
 Rui Manuel Parente Chancerelle Machete.  
 Valdemar Cardoso Alves.  
 Vasco Francisco Aguiar Miguel.  
 Virgílio de Oliveira Carneiro.  
 Victor Pereira Crespo.

#### Partido Socialista (PS):

Agostinho de Jesus Domingues.  
 Alberto Manuel Avelino.  
 Alberto Marques de Oliveira e Silva.  
 Aloísio Fernando Macedo Fonseca.  
 Américo Albino Silva Salteiro.  
 António Almeida Santos.  
 António Carlos Ribeiro Campos.  
 António Frederico Vieira de Moura.  
 António Gonçalves Jâneiro.  
 António Manuel Azevedo Gomes.  
 António Manuel Ferreira Vitorino.  
 António Miguel Morais Barreto.  
 António José Sanches Esteves.  
 António Magalhães Silva.  
 Armando António Martins Vara.  
 Armando dos Santos Lopes.  
 Carlos Alberto Raposo Santana Maia.  
 Carlos Cardoso Lage.  
 Carlos Manuel Luís.  
 Carlos Manuel N. Costa Candal.  
 Carlos Manuel G. Pereira Pinto.  
 Francisco Manuel Marcelo Curto.

Helena Torres Marques.  
 Eduardo Ribeiro Pereira.  
 Fernando Henriques Lopes.  
 João Eduardo Coelho Ferraz de Abreu.  
 João Rosado Correia.  
 Jorge Lacão Costa.  
 José Apolinário Nunes Portada.  
 José Augusto Fillol Guimarães.  
 José Barbosa Mota.  
 José Carlos Pinto B. Mota Torres.  
 José Luís do Amaral Nunes.  
 José Manuel Lello Ribeiro de Almeida.  
 José Manuel Torres Couto.  
 José dos Santos Gonçalves Frazão.  
 Júlio Francisco Miranda Calha.  
 Leonel de Sousa Fadigas.  
 Manuel Alegre de Melo Duarte.  
 Mário Augusto Sottomayor Leal Cardia.  
 Mário Manuel Cal Brandão.  
 Raúl d'Assunção Pimenta Rêgo.  
 Raul Fernando Sousela da Costa Brito.  
 Raul Manuel Gouveia Bordalo Junqueiro.  
 Ricardo Manuel Rodrigues de Barros.  
 Rui Fernando Pereira Mateus.  
 Rui do Nascimento Rabaça Vieira.  
 Victor Hugo de Jesus Sequeira.  
 Victor Manuel Caio Roque.

#### Partido Renovador Democrático (PRD):

Agostinho Correia de Sousa.  
 Alexandre Manuel da Fonseca Leite.  
 Ana da Graça Gonçalves Antunes.  
 António Alves Marques Júnior.  
 António Eduardo de Sousa Pereira.  
 António Lopes Marques.  
 António Magalhães de Barros Feu.  
 António Maria Paulouro.  
 Arménio Ramos de Carvalho.  
 Bártolo de Paiva Campós.  
 Carlos Alberto Narciso Martins.  
 Carlos Alberto Rodrigues Matias.  
 Carlos Artur Trindade Sá Furtado.  
 Carlos Joaquim de Carvalho Ganopa.  
 Eurico Lemos Pires.  
 Fernando Dias de Carvalho.  
 Francisco Armando Fernandes.  
 Francisco Barbosa da Costa.  
 Hermínio Paiva Fernandes Martinho.  
 Ivó Jorge de Almeida dos Santos Pinho.  
 Jaime Manuel Coutinho da Silva Ramos.  
 João Barros Madeira.  
 Joaquim Carmelo Lobo.  
 Joaquim Jorge Magalhães Mota.  
 José Alberto Paiva Seabra Rosa.  
 José Caeiro Passinhas.  
 José Carlos Torres Matos Vasconcelos.  
 José Carlos Pereira Lilaia.  
 José Fernando Pinho da Silva.  
 José Luís Correia de Azevedo.  
 José da Silva Lopes.  
 José Rodrigo da Costa Carvalho.  
 Maria Cristina Albuquerque.  
 Maria da Glória Padrão Carvalho.  
 Paulo Manuel Quintão Guedes de Campos.  
 Rui José dos Santos Silva.  
 Rui de Sá e Cunha.

Tiago Gameiro Rodrigues Bastos.  
 Vasco da Gama Lopes Fernandes.  
 Vasco Pinto da Silva Marques.  
 Vitorino da Silva Costa.  
 Victor Manuel Ávila da Silva.  
 Victor Manuel Lopes Vieira.

**Partido Comunista Português (PCP):**

Álvaro Favas Brasileiro.  
 António Anselmo Aníbal.  
 António Dias Lourenço da Silva.  
 António da Silva Mota.  
 António Manuel da Silva Osório.  
 António Vidigal Amaro.  
 Belchior Alves Pereira.  
 Carlos Alberto do Vale Gomes Carvalhas.  
 Carlos Alfredo de Brito.  
 Carlos Campos Rodrigues Costa.  
 Carlos Manafaia.  
 Cláudio José Santos Percheiro.  
 Custódio Jacinto Gingão.  
 Domingos Abrantes Ferreira.  
 Francisco Miguel Duarte.  
 Jerónimo Carvalho de Sousa.  
 João António Gonçalves do Amaral.  
 João Carlos Abrantes.  
 Joaquim Gomes dos Santos.  
 Jorge Manuel Abreu de Lemos.  
 Jorge Manuel Lampreia Patrício.  
 José Manuel Antunes Mendes.  
 José Manuel Maia Nunes de Almeida.  
 José Manuel dos Santos Magalhães.  
 José Rodrigues Vitoriano.  
 Luís Manuel Loureiro Roque.  
 Manuel Rogério de Sousa Brito.  
 Maria Ilda da Costa Figueiredo.  
 Maria Margarida Tengarrinha.  
 Maria Odete dos Santos.  
 Octávio Augusto Teixeira.  
 Rogério Paulo Sardinha de S. Moreira.  
 Zita Maria de Seabra Roseiro.

**Centro Democrático Social (CDS):**

Abel Augusto Gomes de Almeida.  
 Adriano José Alves Moreira.  
 António José Tomás Gomes de Pinho.  
 António Vasco Mello César Menezes.  
 Eugénio Nunes Anacoreta Correia.  
 Francisco António Oliveira Teixeira.  
 Henrique José Pereira de Moraes.  
 Henrique Manuel Soares Cruz.  
 Hernâni Torres Moutinho.  
 Horácio Alves Marçal.  
 João Gomes de Abreu de Lima.  
 João da Silva Mendes Morgado.  
 Joaquim Rocha dos Santos.  
 José Augusto Gama.  
 José Maria Andrade Pereira.  
 José Miguel Nunes Anacoreta Correia.  
 Manuel Afonso de Almeida Pinto.  
 Manuel Eugénio Cavaleiro Brandão.  
 Manuel Tomás Rodrigues Queiró.  
 Pedro José Del Negro Feist.

**Movimento Democrático Português (MDP/CDE):**  
 António Monteiro de Almeida Taborda.  
 João Cerveira Corregedor da Fonseca.  
 José Manuel do Carmo Tengarrinha.

**Deputados independentes:**

António José Borges de Carvalho.  
 António Poppe Lopes Cardoso.  
 Gonçalo Pereira Ribeiro Teles.  
 Maria Amélia Mota Santos.

O Sr. **Presidente:** — Srs. Deputados, como é do vosso conhecimento, a ordem de trabalhos para hoje é a apreciação e votação do projecto de resolução n.º 19/IV. Para que o diploma conste do respectivo registo, vou passar a lê-lo:

**Projecto de resolução n.º 19/IV**

Portugal e o Brasil são países que têm em comum muitos problemas e anseios, muita da sua história e da sua cultura — e, sobretudo, uma língua, o mais valioso dos patrimónios. Os laços, até afectivos, que unem as duas pátrias de cada lado do Atlântico são tão fortes que Portugal e o Brasil se consideram «países irmãos», designação que nem por banalizada é menos expressiva de uma verdade sentida pela maioria dos portugueses e brasileiros.

Esta verdade, ao nível dos sentimentos e das consciências, só raramente, porém, tem tido consagração ao nível dos factos, da acção política e do constante e indispensável diálogo entre os dois povos. Mesmo em áreas naturalmente privilegiadas para as ligações entre os dois países e para o desenvolvimento de iniciativas comuns, como é o caso da área cultural, a realidade está muito longe de corresponder às intenções e aos discursos.

Assim, e não obstante reconhecer-se que não é a Assembleia da República que poderá mudar radicalmente esta situação, entende-se que deve dar o seu contributo nesse sentido, designadamente para a intensificação e o aprofundamento do diálogo e da cooperação entre os dois países e povos, através dos seus legítimos representantes, livremente eleitos, na sequência dos contactos já realizados por parlamentares portugueses e brasileiros.

A esta luz, com tal objectivo, nos termos do n.º 1 do artigo 181.º da Constituição da República e do n.º 1 do artigo 34.º do Regimento, o Plenário da Assembleia da República delibera:

**ARTIGO 1.º**

Constituir uma comissão com o objectivo de promover contactos e contribuir, por todas as formas possíveis, para o diálogo e cooperação entre os dois países e respectivas instituições parlamentares.

**ARTIGO 2.º**

Para este efeito, a comissão promoverá a concretização de contactos regulares entre os dois Parlamentos e mais diligências tendentes a prosseguir os objectivos visados, podendo ainda apoiar outras iniciativas com finalidades semelhantes.

## ARTIGO 3.º

O quadro geral das atribuições da comissão será concretizado no seu regimento, a apresentar no prazo de 30 dias após a primeira reunião.

## ARTIGO 4.º

A comissão será integrada por 14 membros indicados pelos grupos parlamentares, de acordo com a seguinte distribuição:

Grupo Parlamentar do PSD — 5 deputados;  
Grupo Parlamentar do PS — 3 deputados;  
Grupo Parlamentar do PRD — 2 deputados;  
Grupo Parlamentar do PCP — 2 deputados;  
Grupo Parlamentar do CDS — 1 deputado;  
Grupo Parlamentar do MDP/CDE — 1 deputado.

Está em discussão o projecto de resolução.

*Pausa.*

Visto ninguém pretender usar da palavra, vamos votá-lo.

*Submetido à votação, foi aprovado por unanimidade e aclamação.*

O Sr. Presidente: — Srs. Deputados, creio que a aprovação do diploma por unanimidade, e sobretudo por aclamação, dispensará qualquer declaração de voto. Assim sendo, interrompo os trabalhos até às 15 horas e 15 minutos, para depois iniciarmos a sessão solene de boas-vindas a S. Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Dr. José Sarney.

*Eram 14 horas e 55 minutos.*

*Às 15 horas e 40 minutos entrou na Sala das Sessões o cortejo em que se integravam o Sr. Presidente da República Federativa do Brasil (José Sarney), o Sr. Presidente da República Portuguesa, o Sr. Presidente da Assembleia da República, o Sr. Primeiro-Ministro, os Srs. Secretários da Mesa, representantes dos grupos parlamentares, os membros da comitiva do Sr. Presidente da República Federativa do Brasil, a Sr.<sup>a</sup> Secretária-Geral da Assembleia da República e o Chefe do Protocolo.*

*Nesse momento, a Assembleia e a assistência saudaram de pé o Sr. Presidente da República Federativa do Brasil.*

*No hemiciclo, além do Governo (Primeiro-Ministro e Ministros); presente na respectiva bancada, encontravam-se, entre outros, o Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, o Chefe do Estado-Maior da Armada, o Chefe do Estado-Maior do Exército, o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, o Presidente do Conselho Nacional do Plano, o Presidente da Assembleia Regional dos Açores, o Presidente do Governo Regional dos Açores, o Provedor de Justiça, o Conselheiro Barbosa de Melo, o Governador Civil de Lisboa, o Procurador-Geral da República, o Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Presidente do Supremo Tribunal Administrativo, o Presidente do Supremo Tribunal Militar, o Comandante Naval do Continente, o Comandante do Comando Operacional da Força Aérea, o Governador*

*Militar de Lisboa, o Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana e o Comandante-Geral da Polícia de Segurança Pública.*

*Outros membros do Governo, assim como o corpo diplomático, tomaram lugar nas respectivas tribunas.*

*Formada a Mesa, o Sr. Presidente da República Federativa do Brasil ocupou o lugar à direita do Sr. Presidente da Assembleia, à esquerda de quem tomou lugar o Sr. Presidente da República, ficando ladeados pelos secretários da Mesa da Assembleia da República.*

*Aplausos gerais, de pé.*

*Entretanto, a banda da Guarda Nacional Republicana tocou os hinos da República Federativa do Brasil e da República Portuguesa.*

O Sr. Presidente: — Srs. Deputados, está reaberta a sessão.

*Eram 15 horas e 45 minutos.*

O Sr. Presidente: — Tem a palavra o representante do Movimento Democrático Português, Sr. Deputado José Manuel Tengarrinha.

O Sr. José Manuel Tengarrinha (MDP/CDE): — Sr. Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Presidente da República Portuguesa, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Convidados, Srs. Deputados: Em nome do Grupo Parlamentar do MDP, queremos, antes de tudo, aproveitar o ensejo para saudar em V. Ex.<sup>a</sup> a nação brasileira, hoje ainda mais próxima pelo significado da sua presença.

Não tem sido para nós motivo de afastamento a distância do mar. O Atlântico sempre nos uniu, mais do que separou, nos sofrimentos e nas glórias que são do nosso passado comum; na raiz líquida que tem sido dos nossos dois destinos.

Sempre teve vivo eco no sentimento português a voz do povo brasileiro. Voz ouvida com nitidez perfeita, mas não só pela circunstância de usarmos a mesma língua; também, e talvez sobretudo, porque enlaçados na vivência de idênticas dificuldades ao longo dos caminhos percorridos.

Após o 25 de Abril, tendo passado nós a conhecer o que era estar em democracia e a saber melhor o que entre vós se passava, maior ainda foi a indignação contra a ditadura militar que oprimia o Brasil. Indignação e também o espanto de quem sempre vira dominantes na vossa terra e na natureza intrínseca do vosso povo os valores da liberdade, da tolerância, da democracia.

Muitos foragidos acolhemos entre nós — com especial relevo na Universidade portuguesa —, gozando do nosso mesmo estatuto e direitos, porventura só diferentes no trato por a eles se dedicar atenção particularmente carinhosa.

E alvoroçou-nos na mesma alegria o recomeço da democracia no Brasil, que nos fez reviver a nossa própria libertação, mas nos abriu, também, uma preocupada atenção para as dificuldades do caminho que se lhes abria.

Pois se já não bastassem os naturais escolhos que sempre defronta um processo democrático no seu início, abateu-se a trágica morte do Presidente Tancredo Neves, cuja figura ainda hoje temos em saudade tão vivamente presente neste país e nesta Sala, ocupando esse mesmo lugar.

Na onda de choque emocional que abalou o Brasil, muito difícil seria a substituição de uma figura que atingira a dimensão mítica de símbolo da própria democracia.

Só uma ponderada serenidade, um agudo sentido de equilíbrio e um firme pensamento democrático permitiriam não interromper a obra iniciada. A democracia brasileira encontrou em V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente José Sarney, o seguro garante do prosseguimento de um programa, apenas balbuciado, mas com tão fundas raízes na terra do Brasil. Se outros motivos não houvesse, esse seria suficiente para prestarmos agora a V. Ex.<sup>a</sup> a mais respeitosa homenagem.

Nas novas bases de relacionamento que se estabeleceram entre as nossas duas democracias abrem-se condições mais favoráveis para levar a cabo uma maior aproximação em vários domínios. Mas todos estaremos de acordo em que as palavras já estão gastas, de tão repetidas, e cada vez menos credibilidade terão se a elas não se seguirem obras que se vejam. Nenhum outro Presidente do Brasil reuniria melhores condições do que V. Ex.<sup>a</sup> — pela sua condição de grande escritor e humanista — para impulsionar, em actos concretos, o estreitamento das relações culturais entre os nossos dois países.

Somos dos que acreditam que o mundo da língua portuguesa poderá ter peso significativo no quadro internacional se, em vez de se acentuarem a fragmentação e as distâncias, forem lançadas bases de acordo que tenham em conta a unidade necessária dentro da diversidade resultante da dinâmica própria de cada povo.

Mas um outro elo, não menos forte, nos aproxima: o nosso idêntico posicionamento no contexto das relações económicas internacionais, a semelhante dependência periférica em relação aos centros de decisão, a mesma preocupação com o volume do endividamento externo. Dificuldades que só ultrapassaremos se, ao lado de outros, juntarmos os esforços para constituir uma nova ordem que atenuar as desigualdades e estabeleça relações mais equilibradas e justas entre as nações. As nossas duas vozes, unidas, terão aí, também, uma palavra importante a dizer.

Bem-haja, Sr. Presidente Sarney.

*Aplausos gerais.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o representante do Centro Democrático Social, Sr. Deputado Adriano Moreira.

O Sr. **Adriano Moreira** (CDS): — Sr. Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Presidente da República, Sr. Presidente da Assembleia da República, Srs. Deputados: Quando Pêro Vaz de Caminha, no primeiro dia de Maio de 1500, datava a famosa carta que mandou a D. Manuel, dando conta do achamento da ilha de Vera Cruz, escrevia a finalizar: «E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta terra via. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, pois o desejo de tudo vos dizer mo fez pôr assim por miúdo.» A mesma intenção, limitada por preceitos regimentais que não constrangiam Pêro Vaz, nos obriga hoje a tudo querer dizer, nas palavras mais breves que puderem ser.

Em primeiro lugar, para manifestar o júbilo com que sempre é aqui recebido um Presidente do Brasil, sobretudo quando se chama José Sarney, que este acrescenta

os motivos desse costumado festejo com as qualidades excepcionais de amigo constante dos Portugueses, e com os talentos que levam a nossa Academia a não perder a ocasião de consagrar o escritor, a Universidade a enriquecer-se com o novo doutor, e os órgãos de soberania a manifestarem a esperança de que a sua capacidade de estadista venha a deixar marca profunda na construção dos futuros possíveis do Brasil e Portugal.

Nesta Casa, é deste ponto último que devemos sobretudo falar, e outra coisa não espera o parlamentar ilustre que hoje recebemos, e que passou grande parte da sua vida devotado aos interesses da comunidade luso-brasileira.

Muitos encontros entre portugueses e brasileiros, animados sempre por um entusiasmo súbito, são marcados pela declaração, que alguém não omite fazer, de que finalmente vamos passar das palavras aos actos, lamentando o tempo perdido. Estas declarações frequentes valem como afirmação de empenhamento para a criatividade futura, mas não fazem justiça aos grandes esforços e resultados que no passado recompensaram a amizade e cooperação luso-brasileiras, mais devidos todavia à sociedade civil do que aos Estados. A presença viva da herança portuguesa no património brasileiro, a presença constante do Brasil na imaginação e sentimento dos Portugueses, devem mais à chamada «colónia portuguesa» — cujo enorme trabalho nunca foi suficientemente agradecido — do que à acção política, deve mais às sucessivas gerações de intelectuais livres brasileiros do que a intervenções estaduais.

Mas os tempos mudaram, as interdependências dos povos são outras, as capacidades privadas necessitam de apoios que antes dispensavam, as evoluídas configurações antropológicas, sociais e políticas de ambos os países requerem diferentes atenções. Não foi necessária a intervenção minuciosa dos poderes políticos para que, durante um século depois da independência, as remessas do Brasil estivessem presentes na estabilidade da moeda portuguesa e no equilíbrio da nossa balança de pagamentos, mas foi a intervenção estadual que alterou a corrente dos factos; bastaram as solidariedades familiares e regionais para que, até meados da década de 50, a emigração alimentasse de sangue novo a presença dos Portugueses no Brasil e renovasse os quadros das associações que ali organizaram e enriqueceram o panorama cultural, científico e de solidariedade social da grande comunidade brasileira, como acontece com os Reais Gabinetes de Leitura, o Liceu Literário, as Beneficências, as instituições para a terceira idade, as casas regionais, a Federação das Associações Portuguesas. Mas uma e outra coisa mudaram porque as alterações do ambiente internacional assim o determinaram à revelia das vontades: as remessas pararam, a emigração quase se extinguiu, as associações de portugueses tendem para ser apenas de descendentes de portugueses: à herança portuguesa, matriz do todo unitário brasileiro, somam-se outras vigorosas presenças subordinadas a modelos diferentes que enriquecem o sincretismo nacional do Brasil, que enobrecem o mundo com a experiência da pacífica e plural miscigenação cultural e física, mas que parecem requerer uma atenção nova para as raízes da brasileira unidade, que são portuguesas. Urgência que, acidentalmente, nos revela alguma da moderna literatura brasileira, que algumas vezes parece compensar o enriquecimento da informação com o desconto ideológico, mais alheia aos mar-

cos temporais, mais desvalorizadora do peso natural das origens do Brasil e da importância histórica do troço do caminho que percorremos em comum; as próprias língua e literatura, uma das línguas em que, segundo acreditamos os católicos, Nossa Senhora se dirigiu ao mundo, nos têm provocado inquietações nascidas de noticiários originados em acções de membros da Academia Brasileira de Letras, que tantos de nós procuram servir com devoção, e que a terem fundamento, e sobretudo a terem sequência, que o Presidente Sarney evitou, nos empobreceriam a todos.

Não se trata, portanto, realmente de passar finalmente das palavras aos actos, mas de avaliar aquilo que não conseguimos fazer a tempo, ou antes que mudassem os tempos, não obstante as canseiras e trabalhos de uma geração que tem hoje o seu representante no Presidente do Brasil, e este todos festejam pelos talentos próprios, pela função nobilíssima, e pelo amor sempre demonstrado pelo País que calorosamente o recebe.

Recordo São Luís do Maranhão, as inquietações por nós partilhadas do então jovem governador, e pergunto-me se devemos concluir, com Josué Montello que nos escuta, que também a noite desceu sobre a Alcântara desses projectos e anseios, ou se não seria agora altura de acrescentar, ao que se conseguiu no passado, por decisão da sociedade civil, aquilo que depende do acordo dos poderes. E porque continuamos a pensar que a política vem primeiro das outras coisas, que podem seguir-se por acréscimo, antes de cuidar da porta que Portugal abre ao Brasil para a Europa, recordo a Carta Patente de 13 de Maio de 1825, pela qual D. João VI legitimou a independência política do Império do Brasil, estabelecendo o seguinte: «Os naturais do Reino de Portugal e seus domínios serão considerados no Império do Brasil como brasileiros, e os naturais do Império do Brasil no Reino de Portugal e seus domínios como portugueses.» Temos hoje em vigor dois tratados que marcam os encontros das vontades soberanas dos dois países, o Tratado de Amizade e Consulta e o Acordo sobre a Igualdade de Direitos entre portugueses e brasileiros. Mas longe estão ambos da sabedoria do velho monarca, cuja imagem verdadeira anda afectada por acidentes do anedotário que faz parte excessiva da nossa maneira comum de julgar os homens e a vida. Mas tanta força tem a ideia, que o acordo sobre a igualdade de direitos andou chamado, nos meios de comunicação, e até oficiais, de acordo sobre a dupla nacionalidade, quando os direitos nem sequer foram exactamente iguais, e a ideia da dupla nacionalidade continua viva e por executar. E, todavia, ela parece ir melhor ao encontro das novas aspirações brasileiras nascidas com a entrada de Portugal nas Comunidades Europeias, alargaria os horizontes das nossas juventudes, da criatividade comum, da reposição das correntes migratórias e de uma nova liberdade para a circulação das pessoas, das técnicas e dos investimentos, contribuindo com a *pax mercatoria* para a paz pelo direito que todos no Ocidente desejam.

No Tratado de Amizade e Aliança, feito na cidade do Rio de Janeiro aos 29 dias do mês de Agosto de 1825, ficou estabelecido no artigo III que «Sua Majestade Imperial promete não aceitar proposição de quaisquer Colónias Portuguesas para se reunirem ao Império do Brasil». Encerrado o ciclo imperial, a mesma área é hoje sede de Estados que falam a mesma língua e é necessário que encontremos forma de se reencon-

trarem, com novos modelos de cooperação e solidariedade, e pela língua podíamos começar, porque é um património não isento de perigos, como nos observam que se passa com o espanhol em Angola e o francês na Guiné. Não parece evidente que as instituições clássicas, nascidas em diferente ambiente, como acontece com as academias existentes e nacionais, possam isoladamente levar a cabo as tarefas necessárias. Para defesa de um património comum seria apropriado uma instituição comum e, por isso, insistimos no projecto de um instituto internacional de língua portuguesa, que em tempos lembrámos à Academia Brasileira de Letras e que supomos que deveria merecer o interesse dos governos; a presença igual dos países na mesma instituição é remédio contra quaisquer pruridos de neocolonialismo, que o Brasil sempre ajudaria a eliminar. Assim como, usando o poder do verbo e o interesse da situação geográfica, os dois países não deveriam deixar de ser activos nas iniciativas necessárias à manutenção da paz, segurança e livre trânsito do Atlântico Sul, esse oceano moreno que é vital para países de ambas as margens, que falam português, e com as mesmas palavras, à margem dos regimes e das etnias e culturas, prosseguem os mesmos objectivos em que assentam as possibilidades da ordem e do progresso, que se inscrevem como divisa na bandeira do Brasil.

#### *Aplausos do CDS e do PSD.*

Na solidão da Alcântara abandonada, povoada apenas de história e sem gente, onde a noite desceu, e meditando há anos sobre o mundo em que nos aconteceu viver, o jovem escritor, o jovem professor, o jovem governador de então, que hoje é Presidente do Brasil, não tinha dúvidas sobre a oportunidade da audácia de entendermos que o difícil deve ser feito imediatamente para que o impossível possa ser abordado mais tarde. Esta visita poderá ser o começo de soluções que têm parecido difíceis a tantos outros, porque há sempre uma nova Alcântara onde nasce o dia. No Palácio da Alvorada, no centro geográfico do planalto onde as velhas profecias de São João Bosco e as visões de alguns vivos anunciam que começará uma nova era, o impossível tem um significado mais limitado do que tinha para os que, segundo o cronista, viviam agarrados à costa como caranguejos. Os horizontes são largos, e o Presidente do Brasil, sobretudo quando ocupa o cargo depois de ser já uma figura nacional e da comunidade luso-brasileira, está condenado à grandeza. Não esperamos menos. E também esperamos que, nas páginas do diário que deve à história dos dois países, um dos capítulos seja aberto para contar que alguns dos feitos do seu mandato começaram no dia 6 de Maio de 1986 quando, na Assembleia da República de Portugal, comprovou a sua antiga convicção de que a comunidade corresponde a uma realidade existencial, que a ordem e o progresso solidário de ambos os povos é um interesse que os excede, que a vontade existe, que o poder é suficiente, que o futuro pode ser moldado hoje e que não se trata de finalmente passar das palavras aos actos, trata-se de avaliar os novos factos para continuar a acção, para a modernizar, para a enriquecer, para caminhar não pelos passos perdidos dos parlamentos e protocolos, mas dando passos novos na história nova das nossas relações. A comunidade luso-brasileira espera muito da acção de José Sarney, mas não es-

pera nada que não esteja ao alcance da sua fé, da sua autoridade, do seu igual amor pelo Brasil e Portugal. Também, por isso, não esperamos menos.

*Aplausos do CDS, do PSD e do PS.*

O Sr. Presidente: — Tem a palavra o representante do Partido Comunista Português, Sr. Deputado Carlos Brito.

O Sr. Carlos Brito (PCP): — Sr. Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Presidente da República Portuguesa, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro e Membros do Governo, Sr. Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Srs. Deputados, Minhas Senhoras e Meus Senhores: Este encontro que o Presidente José Sarney hoje efectua com a nossa Assembleia da República constitui a plena confirmação das esperanças e da confiança que aqui exprimimos, há pouco mais de um ano, nos destinos da nova democracia brasileira, que dava então os primeiros passos.

A sua visita representa de forma palpável para os Portugueses a boa nova de que a democracia venceu no Brasil! Venceu apesar das provações que teve de enfrentar entre as quais avulta naturalmente o trágico desaparecimento do saudoso presidente eleito Tancredo Neves, a quem nessa altura nos dirigíamos.

É com um sentimento de grande respeito e espontânea amizade que saudamos agora, em nome do Partido Comunista Português, o Presidente da República do Brasil, Dr. José Sarney, o povo e o Estado brasileiros, pelos notáveis resultados alcançados num tão curto período, amplamente merecedores dos maiores sucessos e venturas para o futuro.

Acompanhamos com maior interesse e simpatia os esforços que visam suscitar e assegurar a participação popular no ataque a agudas dificuldades económicas e sociais e a grande dignidade nacional com que se procura regularizar o problema da dívida, a situação de dependências económicas herdadas do passado, bem como as imposições externas inadmissíveis que lhes estão associadas.

Somos solidários com esta vontade de renovação que percorre a grande nação brasileira e que se exprime naturalmente nas suas relações com o mundo.

A causa da paz e da segurança da humanidade na caminhada para o terceiro milénio só têm a ganhar com o aprofundamento da democracia, o crescimento económico e o reforço da independência do Brasil.

O mesmo acontece no que respeita ao diálogo e às relações entre os nossos dois países e povos tanto no plano da cooperação bilateral como na atitude para com outros países e povos.

Quando representantes dos Estados democráticos de Portugal e do Brasil se encontram, não lhes pode ser indiferente a situação dos outros países onde a língua portuguesa é língua oficial, particularmente quando, como actualmente acontece, alguns deles são vítimas de inadmissíveis atentados à sua soberania.

Defendendo a activa e firme solidariedade por parte de Portugal para com os países africanos de língua oficial portuguesa vítimas de agressões externas, apreciamos muito positivamente as palavras que têm sido proferidas pelo Presidente Sarney de veemente repúdio pela agressão externa contra a República Popular de Angola e de frontal condenação dos apoios externos que são concedidos às forças que operam contra este país irmão.

Esta solidariedade deve ser, a nosso ver, também um campo de cooperação e não é seguramente um domínio de menor importância para a futura projecção no mundo das nossas culturas e língua comuns.

Quando os nossos dois países percorrem finalmente em simultaneidade os caminhos da democracia, nada poderá explicar que o profundo afecto que realmente nos une e que tem sido tão exuberantemente testemunhado no acolhimento ao Presidente Sarney não se transforme numa cooperação efectiva em todos os domínios importantes.

A cooperação económica e comercial é possível e é indispensável. A nosso ver, ela representa, mesmo para Portugal, uma forma importante de contrariar o afunilamento das nossas relações económicas externas que a lógica da integração na CEE tenderá a acentuar.

A cooperação cultural, artística, científica e técnica é uma vocação e um apelo dos dois lados do Atlântico que só obstáculos políticos, muito mais intratáveis que o imenso oceano, têm contrariado e impedido que se concretizem. Mas neste domínio é, a nosso ver, fundamental que não se transforme a língua comum num terreno de conflitos mais ou menos ortográficos, mas que se trabalhe para que ela seja um veículo cada vez mais desimpedido para o nosso real entendimento e compreensão.

Ao criar uma comissão para promover o diálogo e a cooperação luso-brasileira, a Assembleia da República acaba de tomar uma importante iniciativa, na área da sua competência, para que definitivamente se passe das palavras aos actos.

**Vozes do PCP: — Muito bem!**

O Orador: — Não haja ilusões, no entanto, a cooperação, em qualquer dos domínios considerados, comporta custos, exige investimentos e reclama sobretudo uma vontade política atenta e permanentemente actuante.

Por isso mesmo, nós confiamos muito nas circunstâncias favoráveis que hoje se nos apresentam e em que se conta como uma das mais positivas a de se encontrar à frente dos destinos do Brasil o Presidente José Sarney, grande figura da cultura brasileira e grande mestre da língua portuguesa.

Pela nossa parte contribuiremos empenhadamente para que os factos próximos traduzam as belas palavras produzidas nestes dias, para que a cooperação e amizade luso-brasileiras se concretizem e fortaleçam como factor altamente favorável aos interesses dos povos portugueses e brasileiro e à causa da paz no mundo.

*Aplausos do PCP, do MDP/CDE e da deputada independente Maria Santos.*

O Sr. Presidente: — Tem a palavra o representante do Partido Renovador Democrático, Sr. Deputado José Carlos Vasconcelos.

O Sr. José Carlos Vasconcelos (PRD): — Sr. Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Presidente da República Portuguesa, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro, Sr. Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados, minhas senhoras, meus senhores: É com grande alegria, e não menor emoção, que o PRD, o mais jovem partido do democrático Portugal de Abril, saúda V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente José Sarney, e em

V. Ex.<sup>a</sup> saúda o democrático Brasil da Nova República, seu país e seu povo, que reencontraram a estrada larga da liberdade, da paz e do progresso.

Foram precisos quase 60 anos para que as nossas duas pátrias, derrotados os fados funestos de regime ditatoriais ou autoritários, voltassem a viver simultaneamente, como hoje vivem, em democracia!

Após tanto tempo de cinzas e de sombras, agora, dos dois lados do Atlântico, a luz vivíssima da liberdade e do integral respeito pelos direitos do homem nos ilumina e nos encaminha. Agora, não mais resistentes e democratas portugueses precisam de demandar no Brasil o espaço acolhedor para a liberdade perdida; agora, não mais é necessário o apelo de Chico Buarque para que, vencido «tanto mar», lhe guardemos um cravo da nossa Primavera e mandemos um «cheirinho a alecrim»...

Sr. Presidente José Sarney: Ao longo da história comum, sempre Brasileiros e Portugueses tiveram o sentimento de serem povos irmãos. Mas esta fraternidade, de raízes tão antigas e tão profundas, quase sempre conheceu ventos adversos. Agora, que eles são propícios, chegou a altura da comunidade luso-brasileira deixar de ser uma simples flor de retórica. Não podemos perder esta oportunidade. Temos de ganhar o desafio.

O Brasil já foi para nós terra de colonização, pátria de emigração, lugar de exílio e porto de abrigo, até para intelectuais e escritores como, entre outros, Jaime Cortesão, Rodrigues Lapa, Agostinho da Silva, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Castro Soromenho e Barradas de Carvalho. Torga por lá andou de menino, lá nasceu um Carlos de Oliveira, no seu chão sofreu, se fez homem e escritor o nosso comum Ferreira de Castro.

O Brasil deve representar para nós — como gostaríamos que Portugal representasse para o Brasil — não só um parceiro privilegiado em todos os domínios como um companheiro fraterno; ou parafraseando o autor do *Diário*, «um cais do lado de lá do nosso destino» — um cais que não seja uma «saudade de pedra», mas uma realidade visível.

Sr. Presidente José Sarney: Tendo ascendido à Presidência da República após uma longa e corajosa luta dos democratas brasileiros, numa época em que, à festa e à esperança, se sucederam as horas dramáticas da agonia e morte do Presidente Tancredo Neves, que comovidamente aqui evocamos, V. Ex.<sup>a</sup> tem exercido o seu alto cargo em termos que lhe asseguram desde já o reconhecimento dos seus concidadãos e um lugar na história do seu país.

Face à tarefa gigantesca que se lhe deparou, com a sua alta estatura de estadista e político e a sua qualidade de escritor e intelectual, V. Ex.<sup>a</sup> impôs a sua firme e clarividente acção governativa. V. Ex.<sup>a</sup> mobilizou os Brasileiros para os cinco pontos fundamentais do seu programa: liberdade, desenvolvimento, opção social, identidade cultural, soberania e independência.

V. Ex.<sup>a</sup> entregou nas mãos do povo o seu próprio destino. Numa iniciativa ímpar e entre todas significativa, investiu brasileiras e brasileiros, não só em «fiscais dos preços», na luta contra a inflação, mas também em alavancas, fiscais e juizes, da sua acção presidencial e governativa. Assim, dando a voz a todos os cidadãos e fazendo-os participar nas grandes tarefas nacionais, única forma de as conseguir realizar, V. Ex.<sup>a</sup>, Presidente José Sarney, não só conquistou seu coração como iniciou uma nova e promissora etapa na vida do Brasil.

O PRD, e decerto todos aqueles que entre nós prezam a democracia e o progresso, saúdam a coragem e a envergadura de um presidente, que proclamou:

Neste país o povo descobriu que manda. Nunca mais se poderá fazer nada sem o apoio do povo.

*Aplausos do PRD e de alguns deputados do PSD:*

Se o tempo e as circunstâncias o permitissem, valeria a pena analisar o conteúdo e a evolução do seu pensamento político, documentado designadamente nos dois volumes de *O Parlamento Necessário*. Não o podendo fazer, quero apenas realçar a sua valorização cívica e constante das instituições parlamentares. Aliás, V. Ex.<sup>a</sup> sempre se considerou e continua a considerar fundamentalmente um parlamentar.

Ainda recentemente, V. Ex.<sup>a</sup> disse estas palavras, que se impõe recordar nesta Câmara que se honra de o receber:

Dentro dos Parlamentos está a maior escola da vida pública [...]. Só os parlamentares, costumam soluções duradouras. Por isso, eles representam a liberdade [...]. Por isso eles são abominados pelos ditadores e pelos autoritários.

*Aplausos do PRD e de alguns deputados do PSD e do PS.*

Mas o Presidente, o estadista e o político são inseparáveis do escritor e do intelectual — embora, como já alguém notou, em V. Ex.<sup>a</sup> o político nunca seja literato, e o literato nunca seja político.

Jornalista durante muitos anos no seu querido Maranhão natal, ficcionista, ensaísta e poeta, que, por direito próprio, conquistou há já seis anos uma cadeira na prestigiosa Academia Brasileira das Letras, livros como *Norte das Águas* e *Brejal dos Guajás*, em prosa; ou *Os Maribondos de Fogo*, em poesia, tiveram já a consagração da crítica e dos leitores. Que num seu poema aos «soluços e cantares do Maranhão» se junte as «saudades de Portugal», é mais um motivo para nos congratularmos, certos de que o seu «bem-querer» — título de um seu livro — ao nosso país contribuirá também para uma nova e mais fecunda fase das relações luso-brasileiras.

No domínio da cultura, deve-se, aliás, sublinhar a acção pessoalmente já desenvolvida por V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente José Sarney, para que não se deixasse de ensinar a literatura portuguesa nas universidades brasileiras e se acelerassem os trabalhos de uniformização ortográfica da nossa língua.

Ainda neste domínio da cultura, a que também nós atribuímos especial importância, queremos destacar o significado da visita de V. Ex.<sup>a</sup> ser acompanhada por prestigiosos escritores e académicos brasileiros.

Permita-se-nos que a todos saudemos e que o façamos na figura desse admirável escritor e portentoso criador que, como nenhum outro, tornou a literatura de língua portuguesa universalmente conhecida, essa grande figura humana é querido amigo aqui presente, que é Jorge Amado, «o mais português dos brasileiros», para não dizermos, «o mais brasileiro dos portugueses».

*Aplausos gerais.*



Enfim, permita-se-me que, ao saudar um Presidente que é também um poeta, um homem de palavras e de palavra, termine, lembrando os célebres versos de Manuel Bandeira:

Como foi que temperaste,  
Portugal meu avozinho,  
Esse gosto misturado  
De saudade e de carinho?  
Esse gosto misturado  
De pele branca e trigueira,  
Gosto de África e de Europa,  
Que é o da gente brasileira.

Pois bem: é tempo de avô e neto se conhecerem melhor, colaborarem e cooperarem em todos os domínios, serem, antes, irmãos e contribuir para a fraternidade que deve ligar todos os países de língua comum. É tempo — e com V. Ex.<sup>a</sup> na Presidência nós confiamos que será tempo — de nossos países e povos hoje, livres, serem por igual, e em conjunto, contemporâneos do futuro e construtores do futuro, dizendo-se mutuamente, ainda como o poeta:

Tu de um lado, e do outro lado  
Nós... no meio o mar profundo...  
Mas, por mais fundo que seja,  
Somos os dois um só mundo.

*Aplausos gerais.*

O Sr. Presidente: — Tem a palavra o representante do Partido Socialista, Sr. Deputado Manuel Alegre.

O Sr. Manuel Alegre (PS): — Sr. Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Presidente da República Portuguesa, Sr. Presidente da Assembleia da República, ilustres convidados, Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores: Um poeta deputado de Portugal saúda o poeta Presidente do Brasil. É uma derrota de Platão. Mas é um sinal de que a democracia voltou às nossas cidades e nelas está garantido o direito à diferença. E aí temos o Presidente José Sarney a ilustrar como o talento do escritor pode inspirar a arte de dirigir um país. O espírito pioneiro do Brasil intuiu que a modernidade não passa apenas pela revolução tecnológica e científica; passa também pelo talento, pela criatividade, pela força profética e transformadora da arte.

Há pouco mais de um ano, recebemos aqui o saudoso Presidente Tancredo Neves, perante cuja memória me inclino com respeito e gratidão, por ter deixado ao Brasil a suprema dádiva da liberdade conquistada. Recordou-se então aquele histórico discurso em que o Presidente António José de Almeida agradeceu ao Brasil o facto de ser ter tornado independente. Em nome do Partido Socialista, quero hoje agradecer ao Presidente José Sarney o talento e a arte com que tem vindo a completar a transição do autoritarismo para a democracia e a consolidar a institucionalização da Nova República.

Sofremos como dor nossa a perda da liberdade do povo brasileiro em 1964. E sentimos que a nossa liberdade se tornou mais forte com o regresso do Brasil à democracia. É uma tradição que vem de longe. Garrett foi preso por pertencer a uma sociedade secreta que, entre outras coisas, reclamava a independência do Brasil. E saudou-a depois, no seu poema *O Brasil Liberto*, em que precisamente diz que, com a liberdade brasileira, «avulta e cresce/a lusa liberdade».

As ditaduras separam os povos. A democracia é sempre o reencontro de um povo consigo mesmo e com os outros. O Portugal de Abril e o Brasil da Nova República podem agora, não já trocar retórica e salamaques, mas estabelecer as bases de uma convivência nova. O destino colocou à frente dos nossos países dois homens de cultura, de formação humanista. O Presidente Sarney e o Presidente Soares podem iniciar um diálogo de tipo novo, à altura das aspirações dos nossos povos e das responsabilidades das duas nações neste tempo que é um tempo de mudança, à beira de uma nova era e, provavelmente, de uma nova ordem dos séculos.

Em primeiro lugar, temos de reaprender a conhecer-nos e de ressuscitar dentro de nós o espírito de Cabral e aventura da descoberta recíproca. Porque a verdade é que temos vindo a desconhecer-nos. Somos, de certo modo, desconhecidos íntimos. Como dois irmãos separados pelo mar, que falam a mesma língua, têm o mesmo sangue, mas pouco ou quase nada sabem um do outro.

Em segundo lugar, para além da história e do passado, do avô que nasceu em Portugal ou da avó que veio do Brasil, temos de compreender as razões do presente e do futuro que nos obrigam a uma reaproximação e cooperação renovadas. Não é só a questão de acertarmos o passo na ortografia, embora o trabalho que nesse campo está a ser realizado por todos os países de expressão portuguesa seja um exemplo das imensas possibilidades de intercâmbio que se nos oferecem. É sobretudo a urgência de compreender que Portugal e o Brasil têm um papel específico, singular e insubstituível na criação de um outro tipo de relacionamento entre o Velho Mundo e o Novo. Não só entre a Europa e a América Latina, mas muito especialmente entre os nossos dois países e a África, no desbravar de caminhos, para o que pode e deve vir a ser uma estreita e fraterna cooperação entre todas as nações de fala portuguesa.

Juntos, melhor do que separados, sem paternalismos nem veleidades hegemónicas, podemos, em colaboração com todos os outros, dar forma e conteúdo a um novo e exaltante espaço linguístico, cultural, económico e político. Foi esse o espírito inspirador da ideia que lancei em Brasília, durante a visita de uma delegação da Assembleia da República, a que tive a honra de presidir, de uma comissão interparlamentar luso-brasileira, hoje aprovada por unanimidade e aclamação pela Assembleia da República.

Queremos que seja uma comissão interparlamentar. Mais do que mista e mais do que de amizade, uma comissão a um nível e a um grau só possível entre dois parlamentos irmãos de duas nações irmãs, só possível entre o Brasil e Portugal. Assim criaremos um instrumento novo e decisivo para uma nova fase das nossas relações. Passaremos a dispor de uma via que não será burocrática, nem administrativa, nem governamental, mas a que melhor exprimirá a vontade e a permanência dos interesses dos povos consubstanciados na representação parlamentar.

Tal ideia surgiu precisamente logo após a assinatura do Tratado de Adesão à CEE. Como tive então a ocasião de dizer — a aventura atlântica de Portugal foi o seu singularíssimo modo de se afirmar como país europeu.

A integração europeia, assim entendida, pode e deve dar uma nova projecção à permanente vocação atlântica de Portugal. Não há contradição; há complementaridade.

Com efeito, ao entrarmos na Europa, não vamos sós. Vai connosco a nossa peregrinação pelas sete partidas do Mundo. Vai o Brasil também. É que, de certo modo, nós fomos Europa antes da Europa o ser. A mundialização dos fenómenos económicos e culturais, bem como o nascimento da mentalidade científica, que daria uma nova dimensão ao renascimento europeu, são fruto das navegações e descobertas de portugueses e espanhóis. Como sublinhou o nosso António Sérgio, foram elas que contribuíram de forma decisiva para o triunfo «do homem do espírito crítico sobre o homem da Idade Média, da ideia do livre exame sobre a ideia da autoridade, das obras dos criadores sobre as obras dos comentadores».

Quando Pedro Álvares Cabral avista o Monte a que pôs nome Pascoal e chega a Porto Seguro está a ser e a fazer Europa.

Quando Pêro Vaz de Caminha escreve ao rei D. Manuel I a dar-lhe «nova do achamento» está, sem o saber, a fundar uma literatura nova, que irá revolucionar a literatura europeia e abrir caminho ao nascimento de um novo espírito europeu.

É por isso que não estamos hoje mais longe do outro lado do Atlântico. A democracia encurtou a distância política e espiritual. A integração europeia não nos afasta. O novo caminho europeu passou e continua a passar pelo Atlântico, pela África, pelo Brasil. E não faria sentido se fosse um voltar de costas: Um povo não volta costas à sua história, à sua identidade, à sua vocação, que foi sempre, como diz Pessoa, «a de fazer com que a terra fosse toda uma/que o mar unisse — já não separasse».

Por isso, também, a nossa posição perante a Europa não poderá traduzir-se numa atitude meramente receptiva e passiva. Cabe-nos lutar activamente pela construção de uma Europa despida de concepções eurocristas, uma Europa mais solidária e consciente da necessidade de um papel mais autónomo, uma Europa que tenha uma palavra própria a dizer e não seja um simples peão no jogo dos blocos, uma Europa menos burocrática e mais democrática, menos fechada nos seus egoísmos estreitos e mais aberta, capaz de um novo tipo de relacionamento com o Brasil, a América Latina, os povos de África e do Terceiro Mundo.

É nesse quadro e nessa perspectiva que Portugal e o Brasil têm uma nova aventura para viver.

Só assim estarão à altura das suas responsabilidades de países líderes do grande espaço cultural que é a língua portuguesa. Língua de Camões e Castro Alves, de Machado de Assis e Eça de Queirós, de Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, de Graciliano Ramos e Miguel Torga. Mas, também, não o esqueçamos, dos angolanos Agostinho Neto, Luandino Vieira e Pepetela, do moçambicano José Craveirinha, do cabo-verdiano Baltasar Lopes.

A vossa visita a Portugal, Sr. Presidente José Sarney, vai ser com certeza uma nova e recíproca descoberta. É que V. Ex.<sup>a</sup> não é um homem político, é um homem de cultura, um prosador e um poeta e, como tal, capaz daquelas ousadias e heresias que são em si mesmas criadoras de história e de futuro. Capaz, por isso, de achar o Portugal que o Brasil em parte desconhece. O Portugal que está para lá dos discursos, dos salões e das recepções oficiais. Aquele «Portugal rude e cabeçudo», de que fala Torga...

[...] um Portugal cheio de uma sabedoria humana que a mais leve oportunidade põe à mostra, obstina contra as leis açambarcadoras da geografia política, que quis à viva força ter uma per-

sonalidade específica, e há oitocentos anos se mantém assim, num equilíbrio voluntário de nação independente, que é um milagre de afirmação social. Um Portugal que não é uma grandeza em decadência e realiza hoje as façanhas que realizou outrora, na modalidade que o tempo agora condiciona e permite. Que vai às mesmas Áfricas, às mesas Índias e ao mesmo Novo Mundo, desamparado como em quinhentos, e com o mesmo espírito deslumbrado e conciliante.

Um Portugal que fez uma revolução de flor na mão, realizou os dois primeiros: D do Programa do 25 de Abril — descolonizar e democratizar — e procura agora o caminho para o terceiro — desenvolver.

É este Portugal que vai receber V. Ex.<sup>a</sup> de coração aberto, confiante em que esta visita não seja meramente protocolar, mas um acto de criação e de cultura, uma espécie de novo achamento, agora de Portugal pelo Brasil.

A saudade portuguesa, como ensinou Teixeira de Pascoaes, é uma saudade prospectiva, uma saudade do novo e do futuro. Talvez por isso sempre tivemos saudade do Brasil. Não apenas porque o Brasil é o outro lado de nós no outro lado do mar. Mas porque é outro lado de nós no futuro.

Tenho esperança de que a visita de V. Ex.<sup>a</sup> possa dar um sentido concreto e um conteúdo activo a este sentimento.

Que podemos nós agora achar, Sr. Presidente? Eu creio que só o futuro.

É essa a navegação nova que Portugal e o Brasil têm de fazer juntos. Outrora descobrimos o espaço e o mundo que faltava descobrir. Temos agora de inventar o tempo novo. Um tempo sem nações a oprimir outras nações, e sem povos sujeitos a qualquer forma de opressão e discriminação internas. Um tempo sem *apartheid* nem colonialismo em África e sem ditaduras na América Latina. Um tempo em que, através da convergência de posições, Portugal e o Brasil desempenhem um papel decisivo a favor da libertação total do continente africano e da democratização de todos os países latino-americanos. Um tempo em que Brasil e Portugal fortaleçam com iniciativas conjuntas e uma diplomacia activa, autónoma, independente, a causa da paz, da democratização das relações internacionais e de uma nova ordem económica. Um tempo em que os países mais poderosos compreendam finalmente que não é possível construir a democracia sem vencer a fome, a miséria, o subdesenvolvimento e essa nova forma de dependência que é a acumulação da dívida externa.

A nossa cultura é uma cultura de várias sínteses e mestiçagens, de comunhão de povos e de raças, uma cultura de integração e não de separação. Castro Alves cantou a libertação dos escravos e Camões, nas *Endechas a Bárbara Cativa*, escreveu talvez o primeiro poema de amor anti-racista.

Poucos têm como nós a capacidade de compreender e de se fundir na convivência fraterna com os outros. Poucos, como Portugal e o Brasil, são capazes de entender a diferença e fazê-la sua.

Poucos poderão, como nós, ajudar o mundo a despir-se de preconceitos e a esbater barreiras, egoísmos, complexos, incompreensões. Lado a lado, podemos fazer da nossa língua um veículo de paz, liberdade, solidariedade, cooperação.

Para que Portugal e o Brasil sejam de novo nações pioneiras, vanguardas do tempo, como um traço de união entre o velho e o novo, o passado e o futuro.

São estes, Sr. Presidente, os nossos votos.

Porque, como cantou Jorge de Lima:

E depois das imensas geografias  
reinventamos o mar para essa ilha  
que possui «cabos-não» a ser dobrados.

Ou como escreveu Torga, meu querido mestre e amigo:

A missão dum português culto de hoje, além da obrigação concreta de criar o futuro, é compreender o sentido do que fez outrora. Realizar as façanhas que o momento exige e dar a volta ao mundo com o pensamento. Ora nas estações desse itinerário mental, a mais demorada deve ser o Brasil. É ele o maior troféu do nosso adormecido espírito de aventura; e é ele que deve ser o pendão das possíveis aventuras do nosso espírito acordado.

*Aplausos gerais.*

O Sr. Presidente: — Tem a palavra o representante do Partido Social-Democrata, Sr. Deputado Victor Crespo.

O Sr. Victor Crespo (PSD): — Sr. Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Presidente da República Portuguesa, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Ex.<sup>mas</sup> Autoridades, Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores: Quando a minha bancada me incumbiu de falar na sessão solene de hoje em nome do Partido Social-Democrata, não pude evitar que me viessem à mente as palavras de Pêro Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel, dando a boa nova do achamento do Brasil.

Também eu procurei exprimir o nosso regozijo e o alto significado que atribuímos à visita de V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente «assim como eu melhor puder, ainda que para o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer».

Como poderia eu ultrapassar todo um turbilhão de ideias, de sentimentos e de alegrias?

A alegria que nós, Portugueses, sentimos pelo regresso do Brasil a um regime democrático, em transição pacífica, e com ele mais um passo no processo irresistível de democratização de todo o continente americano. Aspecto que sentimos de modo muito particular, por não esquecermos o que para nós significou a alvorada do 25 de Abril.

O sentimento de angústia e de tristeza pelo sofrimento de Tancredo Neves e a dor que sentimos pela sua morte.

Logo seguido do regozijo por vermos que o regime democrático se acabava de consolidar com a posse do Presidente Sarney — o auspicioso obreiro da Nova República.

Como poderia evitar recordar a resposta corajosa do «Plano Tropical» que vai resolver, com sucesso, os problemas económicos da nação brasileira, do grande país do presente e do futuro, para que melhor possa assumir as responsabilidades que lhe cabem de promover a paz e a prosperidade dos povos?

Como esquecer tantos passos comuns da história e a riqueza de duas culturas que se irmanam e comple-

tam ou, ainda, o facto de estarmos perante um criador de cultura, poeta e romancista que uma feliz simbiose com o político-lhe dá toda a grande dimensão de um verdadeiro homem de Estado?

Por tudo isso, não poderia deixar de me sentir como Torga:

Ah, como eu gostaria de estremar o recheio da memória, de clarificar dentro de mim tal nebulosa... Mas não posso. Confundo no mesmo espanto a Ursa Maior e o Cruzeiro do Sul, a flor do ipé e a do rosmaninho, a água do Doiro e a do Paraíba. Misturo tudo.

Não será mau que assim seja. É que neste itinerário mental mais importa o sentir, o encontro directo que interioriza o rever de dois povos irmãos; mais do que a palavra vale o gesto e o aceno que se quadram a um diálogo que há muito começou e que se vai dilatar no tempo.

O mar espiritual comum, onde desaguam o Douro e o Paraíba, e agora o Limpopo e o Cuanza, não resultou de qualquer tratado ou partilha, mas de um fazer mais profundo onde o amor sublimou o sofrimento, deixando marcas indeléveis na alma de milhões de seres humanos.

Como dizê-lo melhor que através dos versos de José Sarney:

Lembro-me do Infante Henrique e  
volto a subir a ladeira do Desterro.  
Ela é feita de tábuas  
com o cheiro das marés da colónia

Mas os meus barcos não estão atracados.  
Foram embora e  
espalharam gemidos em todos os trópicos  
Andantes de muitos mares,  
eles buscaram querência  
e as suas velas ficaram encharcadas  
de lágrimas  
quando os ventos ventaram  
das terras de África e choraram  
os cantos sofridos  
de minhas mãos escravas,  
de Cabo Verde, Guiné  
Moçambique e Angola.

Aí, senhoras e senhores, se vão buscar as antigas raízes de uma comunidade que nos conferiu a responsabilidade e o dever de a ir continuando e engrandecendo no esforço concertado de todos os países irmãos.

Num encontro de nações irmãs cabe sempre um desejo para o futuro: juntar mais uma pedra angular ao edifício do património, que é de todos.

Em primeiro lugar, sobre a língua comum, que, na sua diversidade, constitui o veículo unificador de um espaço cultural, que, dentro em pouco, será povoado por 200 milhões de habitantes.

Por isso, queremos exprimir o voto de que se chegue a uma ortografia comum na reunião que agora decorre no Rio de Janeiro e vem na sequência das convenções ortográficas de 1931 e 1945. E que logo, de seguida, se faça a unificação das linguagens científica, técnica e informática, instrumentos vitais para o progresso, nos tempos de hoje, e para uma mais completa realização da comunidade afro-luso-brasileira.

Fazemos igualmente um voto para que se intensifiquem as relações económicas entre Portugal e o Brasil, já que estão reunidas todas as condições para que se passe das palavras aos actos.

Uma dessas condições resulta do facto de Portugal ter ingressado nas Comunidades Europeias. Poderemos agora abrir novas vias para uma mais estreita colaboração entre Portugal e o Brasil, que também tem o mérito de alargar e aprofundar o diálogo Europa/Sul que leve a uma mais equitativa distribuição de riqueza e a uma acrescida capacidade de desenvolvimento endógeno de cada país.

Senhoras e Senhores: Que o Presidente da República Federativa do Brasil se encontre hoje no Parlamento em contacto com os representantes de todo o povo, depois de ter tomado posse do lugar de membro da Academia de Ciências de Lisboa, a que se vai seguir o doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Coimbra — por onde passaram tantas figuras ilustres da história do Brasil, permitindo-me apenas recordar José Bonifácio de Andrada e Silva — só pode ter um significado: o de que Portugal, por inteiro, quer manifestar ao Sr. Presidente José Sarney quanto o admira, pela sua grande estatura de homem de Estado e de homem de cultura e, também, que esperamos — e disso estamos certos — ter a honra de com o Brasil e V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente, participar no enriquecimento e no aprofundar do convívio no espaço cultural que a todos nós pertence.

*Aplausos gerais.*

O Sr. Presidente da Assembleia da República: — Sr. Presidente da República de Portugal, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sr. Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Ilustres Convidados, Srs. Deputados: É com profunda emoção que, deste privilegiado lugar, invoco a vossa imprescindível presença.

Ao fazê-lo, estou a proclamar a legítima representação de todo um povo que, neste histórico hemisfério, está sentindo, ao vivo, a solene grandeza dos mais belos sentimentos que enobrecem os povos e dignificam os homens.

A solidariedade, a fraternidade, a amizade, perpassam-nos com a esfuziante fecundidade das venturas que se desejam, e se conseguem com o misterioso enlevo dum apetecido encontro.

Encontro de um passado de séculos feito presente; de um presente que audaciosamente se projecta no futuro como uma verdade irrecusável, como uma fatalidade de destino que antecipadamente conhecemos e dele nos apropriamos como dado adquirido, tão forte é o desejo, feita certeza, de que ele seja o que agora sonhamos.

Não pela força do direito; não pelo império da conquista; não pelo valor dos méritos; não pela razão da justiça. Mas tão-só porque esse futuro, tal como aquele passado e este presente, são a nossa própria identidade, a identidade de uma raça que, desdobrando-se em nações vem, da penumbra dos tempos, crescendo e afirmando-se como um natural e necessário atributo da própria humanidade.

Para celebrarmos esse encontro estamos aqui com o inauferível prazer de o fazermos na presença do Sr. Presidente da República que, vencendo as barreiras de um desajustado protocolo, quis solidarizar-se connosco na alegria deste momento.

A bondade do seu propósito ficamos devendo a inexcusável grandeza desta jornada que a nossa história parlamentar assinalará com acarinhado e particular relevo.

Deste modo, os mais altos poderes do nosso Estado, que são a expressão da soberania de um povo independente e livre, fazem connosco, Srs. Deputados, assembleia, assembleia suprema, para honrar, para homenagear, para saudar, a grande pátria irmã, o admirável povo brasileiro, o seu querido Presidente.

Se é por dever de função que me compete o direito da palavra, perdoai que vos confesse, Sr. Presidente, Srs. Governantes, Srs. Deputados, que o exerça com orgulho e inefável prazer, frenados apenas pelo justificado receio de não encontrar a justeza das palavras que me ajudem à tradução dos sentimentos e das ideias que nos tomam e vivem no coração e no pensamento de todos nós.

Mas, porque não tenho o direito de duvidar da vossa generosidade, tantas vezes comprovada, ultrapasso, com ousadia, os liames que me travam, já que, como diria o poeta:

*Manda a vontade, que me ata ao leme.*

Sr. Presidente da República Federativa do Brasil, Presidente José Sarney: Pelas razões que aduzi e com o espírito que enunciei, desejamos agradecer-vos a subida gentileza de virdes até nós para nos conceder a feliz e preciosa oportunidade de partilharmos do vosso convívio, do vosso saber, da vossa experiência, do vosso humanismo.

Convívio feito de afabilidade e firmeza; saber fecundo, caldeado por fina sensibilidade poética; experiência viva, porque colhida na luta infatigável pela liberdade e justiça; humanismo aliciente e generoso, porque virado aos valores do espírito.

A fama que rompe a modéstia, desnuda a timidez e não respeita fronteiras, há muito nos veio dizer, no seu gesto alado de transmitir mensagens vencendo distâncias, do valor do escritor, da sensibilidade do poeta, da eloquência do orador, da autoridade do político.

Estas algumas das vincadas vertentes que marcam, a traço forte, o perfil de Sarney.

A mudança desejada, a conciliação pretendida, tinham encontrado um novo suporte cimentado na tolerância, na justiça e na insuperável rectidão moral.

Na sinfonia das suas virtudes uma ressalta, porém, como trave mestra do seu pensamento de homem culto, forjada a quente pelo entusiasmo rubro da sua trepidante juventude: a luta constante, voluntariosa e sem quebras pela liberdade, pela democracia.

Ele sabia, desde logo, ao desabrochar para a tomada de posições responsáveis, que a liberdade é a máxima expressão da cultura e que esta não existirá sem aquela.

Por isso, servindo uma e outra, lutando por aquela e enriquecendo esta, fez a sua caminhada na vanguarda, abrindo caminho para que ambas tivessem lugar.

É que o destino do homem é também o da sua liberdade.

Compreendemos, então, a razão pela qual, apesar do desespero da dor sofrida pela perda de Tancredo Neves, esse construtor gigante da democracia brasileira, o admirável povo brasileiro retomou e fortaleceu a esperança.

Com a lucidez de um estadista atento, José Sarney fixa os quadros do desenvolvimento; esquematiza os processos para deter a inflação; define a opção social como a primeira das prioridades; é garante da liberdade e dá expressão autêntica aos anseios da democracia como forma de governo de um povo adulto que sente a inalienável missão de construir o seu próprio destino.

Por isso temos a certeza de que o portentoso Brasil vai mudar, como é sonho de V. Ex.<sup>a</sup>, como é sonho e desejo desse maravilhoso povo que lhe não regateou confiança.

A conciliação está feita, porque dominada pela aposta em que todos se empenharam.

A mudança será uma realidade, porque lhe sobra inteligência, saber, competência e sobretudo uma coragem que não tem medida, já que ela terá a força do querer de um povo inteiro.

V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente Sarney, o afirmara, com toda a justeza, numa expressão lapidar: «A coragem do povo será e é a minha coragem.»

Pela força indomável dessa vontade colectiva, a nossa grande nação irmã vai em busca de novos horizontes com a consciência da sua grandeza, dos seus recursos; com a vivacidade jovem de um amanhacer permanente, onde a energia, a bravura e a inteligência chamaram a si a prodigiosa tarefa de concretizar a esperança.

Busca interminável, é certo, mas aliciante, numa aventura aberta, para aprofundar e fazer crescer a sedutora civilização que criou, pelo esforço intrépido dos homens resolutos que povoam a imensidão do seu espaço e a tornaram tão poderosa, tão resplandecente, que conquistou o legítimo direito de intervir, na primeira linha, nos destinos do mundo.

É esta maravilhosa nação, é este portentoso país, que constitui o nosso mais acrisolado orgulho de ser portugueses. Sem ele não se poderia explicar, em grande parte, a história de Portugal.

A política nos separou, mas o amor nos uniu.

Amor que se eternizou na maravilha do património comum da língua que ambos falamos; amor que apri-morou a ternura sentimental dos nossos corações.

É tão forte, tão entrosado, que fazemos nossas as alegrias e tristezas, as glórias e insucessos que ao Brasil aconteçam. O pulsar dos nossos sentimentos obedece também, assim, ao ritmo do coração brasileiro. É que os misteriosos imperativos do passado ligam-nos necessariamente para o futuro.

Este nosso encontro é eloquente testemunho dessa maravilhosa realidade. É precisamente aqui, onde a vontade do povo se faz lei, onde a liberdade se reveste dos cambiantes do diálogo, da discussão, da polémica, na reflexão, no trabalho, sempre na procura da afirmação e da decisão mais justa, mais oportuna, mais eficaz.

Aqui, que é sede por excelência da democracia, onde se repercute o sentir do povo, que somos, nas suas apreensões, nos seus problemas, mas também nos seus êxitos, nas suas venturas.

Por isso estamos aqui, vivendo estes momentos, com redobrada alegria, por sermos também brasileiros ao vitorirmos a grandeza e a glória eternas do Brasil que tanto amamos.

Tivemos um percurso comum de séculos; caminhamos depois por caminhos paralelos; hoje quase se sobrepõem pela semelhança dos problemas que temos e do regime que ambos abraçamos.

Aqueles serão, porventura, distintos na dimensão e origem que os motiva, como diferentes serão os meios e os recursos que os haverão de resolver. Mas eles são tão próximos, e até idênticos, nas preocupações que suscitam, a um e outro Estado, que às vezes me espanto como não tem sido possível arrancar da formidável e sólida plataforma dos sentimentos que nos unem, para levarmos mais longe, numa colaboração participativa, projectos e interesses comuns.

Não falta de um e de outro lado o génio da criatividade, o impulso imaginativo, a competência dos técnicos, a lucidez dos intelectuais, o interesse comum de um maior relacionamento cultural, económico e político.

Que estranhas razões nos levaram a ocupar tão-só a trincheira dos sentimentos?

Por que não promover a troca das nossas experiências no vasto campo da cultura, da técnica, da economia e em tantos outros espaços que podem e devem fortalecer esta admirável comunidade lusíada?

Tais questões, que me assaltam o espírito, não se assumem como acusações que, aliás, não teriam sentido nem objecto mas tão-só como um veemente apelo para que aquelas virtualidades despertem e se façam acção na consciência de cada povo e nos não fiquemos glorificando, apenas, a história que fizemos e a amizade que nos anima.

Uma e outra são imperativos que forçam a consciência colectiva a saltar da trincheira e a caminhar com coragem, entusiasmo e audácia ao encontro dos desafios que nos esperam.

O património comum que possuímos, feito com o sacrifício de santos, de heróis, de mártires, de sábios, a fortalecer as raízes de que nos orgulhamos, é feito de talentos, que não podem ficar enterrados.

Representaria uma negação inconcebível do nosso destino comum; uma frustração absurda da comunidade lusíada; uma subtracção criminosa à própria humanidade.

Porque não aceitamos aquela negação, porque repudiamos aquela frustração, porque não admitimos esta subtracção, é que os Srs. Deputados têm pensado, e hoje realizaram em acto solene de aprovação, por aclamação, a constituição de uma comissão parlamentar, tal como já aqui foi referido, para intensificar e aprofundar o diálogo e a cooperação entre os dois países e povos, através dos seus legítimos representantes livremente eleitos.

É um primeiro passo, que se pretende preparatório, para a constituição de uma comissão mista, constituída por parlamentares brasileiros e portugueses.

Foi um caminho pensado, como disse o Sr. Deputado Manuel Alegre, desde há um ano e cuja porta se abriu hoje, há poucos momentos, Sr. Presidente Sarney, para o Parlamento testemunhar a V. Ex.<sup>a</sup> quanto estima o Brasil e como está desejoso de garantir os canais que permitam um diálogo permanente para a troca de saber e experiências que fortaleçam aquele património comum.

Há um ano que no Brasil os deputados brasileiros e portugueses pensaram este projecto. Acabámos de o concretizar. Irei informar as instituições parlamentares brasileiras do nosso sucesso e aguardaremos, pela sua parte, resolução idêntica, como é, aliás, o seu manifestado desejo.

Sr. Presidente do nosso amado Brasil: pela luta infatigável que tem desenvolvido na defesa da liberdade e da democracia, pelo contributo valioso que tem dado à aventura admirável para a construção de um Mundo Novo, pela tarefa que tem realizado ao serviço da lucidez como arquitecto do pensamento político, pelo que tem produzido como escritor e poeta, porque devotou a sua vida ao enriquecimento do património da cultura com uma sensibilidade que nos encanta, nós vos deixamos aqui expresso a nossa homenagem e a nossa gratidão.

Por tudo quanto fez e vai realizar pela grandeza e glória do Brasil, nós saudamos com especial carinho.

Para o nosso povo irmão, para esse povo ágil, vivo, jovem, que sabe amoldar com graça e adoçar com ternura o carácter dos que no seu solo se radicam para viver; para esse admirável e grandioso país, onde tudo é grande no espaço, no coração e na alma, endereçamos os nossos veementes e reiterados votos, em nome do Parlamento de Portugal, para que seja grande e glorioso o futuro que nos espera.

*Aplausos gerais.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Presidente da República Federativa do Brasil.

*Aplausos gerais, de pé.*

O Sr. **Presidente da República Federativa do Brasil** (José Sarney): — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Mário Soares, Presidente da República Portuguesa, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Fernando do Amaral, Presidente da Assembleia da República, Ex.<sup>mos</sup> Sr. Primeiro-Ministro e Srs. Membros do Governo, Ex.<sup>mos</sup> Srs. Deputados, senhores e senhoras integrantes da comitiva que me acompanha: saúdo, em VV. Ex.<sup>as</sup>, o Portugal que se renova e se integra em uma Europa unida na prosperidade. Saúdo também o velho Portugal que deu ao mundo lições de ousadia e perseverança, que rasgou os mares com as suas caravelas e plantou as cruzes da conquista nas quartas partes do mundo.

Somos, os Brasileiros, orgulhosamente portugueses.

Até as razões que nos levaram a romper com os vínculos políticos, até mesmo elas nós as buscamos na espada de Afonso Henriques e no verbo de João das Regras. Vós, Portugueses, soubestes, em toda a rica história desta Península, conciliar a bravura e a diplomacia para preservar a nação. Não vos contentastes com a mera aventura peninsular. Em Ourique traçastes o destino nacional, e poucos Estados mantêm, na história, fronteiras tão antigas e tão sólidas como Portugal.

Vossa divisa era a de sempre: ousar. Não a ousadia desatada do saber, mas a ele submissa. Lavantastes as móveis pontes sobre o mar oceano com os pinhais de Leiria; era a visão do poeta, sonhador — mas enérgico amestrador do futuro —, que foi, sem dúvida, D. Dinis.

Amestrar o futuro, fazer caravelas e plantar árvores. Convocar o pensamento, reunir os saberes e multiplicá-los na reflexão e nos debates. Amestrar o futuro e constituir a Universidade de Coimbra, antes de levantar a Escola de Marinharia de Sagres.

Se saúdo vossa história com emoção, é porque esta é nossa própria porção de glória na crónica do mundo. Todos somos o que fomos, embora nos cumpra acrescentar, em nossa própria geração, factos a legar ao amanhã.

Viveis num tempo que se guardará na memória nacional. 25 de Abril de 1974 é data carregada de grandeza, que se fez com cravos e ao som da doce poesia da Grândola, Vila Morena.

Mas é preciso que se diga que, antes de eclodir nos quartéis, a resistência se fazia neste Plenário.

Tenho grande gratidão pela fidalguia desta acolhida.

Sei que sou apenas o mensageiro, porque há nesse gesto o Brasil. Mas ter nas mãos o coração de Portugal entregue ao amor ao Brasil e ser o instrumento de

uma continuidade, de uma permanência que nem os descuidos daqueles que lá e cá nos amaram pouco e conseguiram diminuir o amor demais.

Falo em nome de um Brasil em que os ventos da liberdade sacodem todas as forças vivas da nação, em todos os cantos, em todos os espíritos.

De um Brasil independente. Que não é caudatário das grandes potências nem prisioneiro dos pequenos conflitos.

Falo de um Brasil que está mais bonito, com os olhos mais brilhantes, porque tem esperança. De um Brasil respeitado, restaurado em seus valores democráticos, uma terra dedicada ao trabalho, livre da especulação, do ganho fácil, da ciranda financeira que vinha transformando o país no paraíso dos papéis, com a exploração do povo, submetido à constante desvalorização dos seus salários pela inflação devastadora que premiava o capital e punia os assalariados com a correcção monetária.

*Aplausos gerais.*

O povo quis mudar, e mudamos. Tivemos a coragem de ousar, e ousamos. Dizemos estes factos, nesta Assembleia, porque sei que agrada aos Portugueses a saúde do Brasil. Não existem dois países no mundo, devo repetir, que em suas relações repitam o que se pratica entre os nossos. São relações diplomáticas, comerciais, políticas, históricas, culturais, pessoais. Mas é tudo isso e mais do que isso, porque elas vão além do formalismo para ser um estado de alma, um permanente afecto, um desejo constante de estar-juntos, sermos-irmãos, caminharmos de mãos dadas, termos as mesmas visões e os mesmos sonhos.

O mundo marcha cada vez mais para ser um mundo interligado por convergências e contradições. Portugal é europeu mas não se libertará da sua vocação atlântica. O Brasil é América Latina; a ela estamos ligados indissolivelmente pela geografia e pela solidariedade, pela injustiça e pelo sofrimento. Mas o Brasil também não abdica de sua missão no Atlântico Sul e o deseja preservar como uma zona de paz, desnuclearizado.

*Aplausos gerais.*

Portugal é para nós a porta privilegiada onde nos sentimos em casa, que nos aproxima das raízes culturais europeias que moldaram nosso modo de vida e nossa instituições.

Somos, hoje, a pitava economia do mundo ocidental e até o final do século estaremos, sem dúvida, entre as cinco primeiras. Nossa força queremos destiná-la aos ideais que fizeram nossa grandeza. Ideais de paz, de convivência pacífica, de soluções negociadas, de bem-estar dos povos. O Brasil não tem, não teve e não terá posições hegemónicas, mas não abdica da defesa dos seus interesses e entre estes estão, sem dúvida, também os das comunidades de língua portuguesa.

*Aplausos gerais.*

Nós nos proclamamos, com muitos orgulho, um país mestiço. Nossas vinculações com a África são históricas e fazem parte da nacionalidade.

Como Presidente da República, pela primeira vez saio do continente americano. Visito Portugal e outro não poderia ser, sem dúvida, o meu destino.

*Aplausos gerais.*

Há 30 anos parlamentar, minha área de formação política, aqui também estou em casa e tenho a memória do quotidiano do trabalho de VV. Ex.<sup>as</sup>, a consciência da grandeza desta instituição, a mais alta já descoberta pelo homem no terreno político. Sem Parlamento não há democracia, sem democracia não existe liberdade, e sem liberdade o homem não merece a vida.

*Aplausos gerais.*

Porque sem liberdade será uma contrafacção da graça de existir.

Honra-me ser recebido, nesta Assembleia, que espelha a soberania do povo português, por figuras tão ilustrativas do elevado nível cultural e político que alcança, neste país, o exercício da representatividade democrática, saudado pelo zelo político e pela competência cívica dos nomes mais destacados desta instituição, de que é V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente, símbolo inspirador de admiração e aplauso.

Venho a esta Assembleia com a reverência de quem deseja homenagear um dos pilares da moderna democracia portuguesa, que tantas e tão profundas impressões causou ao mundo e especialmente ao Brasil.

Parte substancial da história portuguesa contemporânea está aqui pelo exercício incansável da convivência, do pluralismo e da liberdade. Estes foram os caminhos da modernidade de Portugal.

Renovo lembrança do reencontro dos Brasileiros com a democracia, tão afectuosamente saudado pelo povo português e por seus representantes.

É um Brasil novo e vibrante de participação popular que fala pela voz do seu Presidente. Há pouco mais de um ano, a democracia renascida no Brasil sob o signo da conciliação e da esperança era saudada entusiasticamente neste mesmo recinto, na pessoa do Presidente Tancredo Neves, homem extraordinário que a história preparou para fazer a transição, e que Deus nos levou para pôr à prova a nossa capacidade de resistir à tragédia e ao vazio.

*Aplausos gerais.*

Sigo hoje como representante de um Brasil transformado por profundas reformas políticas, institucionais e económicas, os passos de Tancredo Neves, que encontraram nesta Casa um recinto especialmente acolhedor para os projectos de transformação política e social do Brasil.

O povo brasileiro fez uma opção irrenunciável pela liberdade, pelo crescimento económico e pela reforma social, como instrumento de sua participação mais activa na história. A democracia, o progresso económico, a autonomia internacional, a plena soberania interna e externa de toda a nação apresentaram-se como os meios mais eficazes para operar essa grande transformação qualitativa no fluir do nosso destino.

A todos esses esforços, o Congresso Brasileiro emprestou o seu mais decidido apoio, estando sempre presente e à frente das instituições democráticas e a afirmar, pela acção, a prioridade social que o país se impôs como condição para ingressar na modernidade.

Em Portugal, o ingresso do País nas comunidades virá transformar numerosos campos da actividade humana, sobre os quais se estendem as práticas inovadoras desse que é o maior esforço de integração económica, política e social da história humana. A pró-

pria experiência parlamentar comunitária, a que acede agora Portugal, traz uma dimensão nova e desafiadora para o exercício da actividade parlamentar portuguesa.

Os foros políticos das comunidades crescem de importância e dão aos seus integrantes tarefas cuja dimensão internacional amplia em muito as responsabilidades da representação popular.

Saúdo neste instante, com grande alegria, a comissão que a Assembleia acaba de criar para estudar os problemas luso-brasileiros. Acredito que o nosso Parlamento seguirá a mesma trilha e em breve estas duas comissões conjuntas discutirão, de povo para povo, os nossos problemas e as soluções que encontraremos para eles.

O processo de adaptação de Portugal aos parâmetros comunitários em diversas matérias de conteúdo político, social e económico dá uma amplitude nova e fecunda às actividades que aqui se desenvolvem. Uma nova dignidade vem acrescentar-se àquela de trazer para o seio da política a voz, as esperanças e as reivindicações do povo português.

Sr. Presidente, Srs. Parlamentares: Vim propor-lhes uma nova era nas nossas relações. Uma era que faça do património do passado e da fraternidade e da comunhão de valores e sentimentos uma fonte de impulsos reais de aproximação, de coordenação, de convivência. De uma convivência não apenas no estrito sentido das relações bilaterais, mas também da acção conjunta, à base de uma nova coordenação e diálogo sobre o crescente número de temas internacionais que interessam cada vez mais aos nossos países.

Nossos parlamentares têm um papel da maior relevância a cumprir dentro desse projecto. Nossas relações somente alcançarão o grau de intensidade e dinamismo compatível com os sentimentos de fraternidade e simpatia dos dois povos se elas ganharem um conteúdo político que as alce a um novo patamar.

O Brasil, por exemplo, volta-se com especial atenção à participação lusa nos foros das comunidades, atraído não apenas pelas repercussões positivas dessa participação em toda a vida portuguesa, mas também porque as decisões comunitárias reflectem-se directamente sobre inúmeros sectores brasileiros, dada a intensidade de nossas relações com a Comunidade Económica Europeia, nosso maior parceiro comercial.

Venho a Portugal e desejo propor, como uma vontade política, uma nova dinâmica em nossas relações. Hoje, o Brasil, dispondo de imensas potencialidades, caminha para relações mais estreitas com o mundo todo. Estamos, hoje, em toda a parte e grande é o nosso dinamismo, quer no sector comercial, quer no político, quer no cultural.

Queremos que nessa nova etapa Portugal esteja junto connosco de modo mais estreito e intenso.

O mundo atravessou o corredor do pessimismo da década de 70. Não têm limites as perspectivas que as descobertas científicas oferecem. Não há mais países pequenos ou países grandes. Há países que dominam a ciência, criam e desenvolvem tecnologias ou países condenados à escravidão tecnológica.

O pior caminho não será o do Brasil e não há porque seja o da comunidade de língua portuguesa. Estamos defendendo firmemente nossa participação no futuro da informática, das fontes alternativas de energia, na biotecnologia e em todos os ramos de tecnologia de ponta que possam assegurar a nossa verdadeira liberdade.

*Aplausos gerais.*



Nesse sentido, seremos cada vez mais decididos. A reforma económica que fizemos nos assegura vislumbrar recursos para essa caminhada, que é uma vontade da nação.

Convidamos Portugal a participar connosco desses programas, a intercambiar recursos humanos, a engajarmos nossas universidades em trabalhos conjuntos. E os parlamentos nossos serão o suporte político, nessa vontade decidida de inaugurarmos esse novo tempo.

*Aplausos gerais.*

Teremos dificuldades. Mas quem pode dizer que em algum tempo o povo português foi vencido por qualquer dificuldade?

Temos imenso caminho a percorrer, mas não vamos esmorecer. Em nossa alma temos o lastro da obstinação que Portugal levava nas naus descobridoras e que foi legada ao nosso espírito.

Navegar no tempo é como marinhar em águas desconhecidas.

Para isso bastam-nos as estrelas e a coragem.

*Aplausos gerais, de pé.*

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, declaro encerrada esta admirável sessão.

*Realizou-se então o cortejo de saída, composto pelas mesmas individualidades da entrada.*

*Eram 17 horas e 35 minutos.*

*Faltaram à sessão os seguintes Srs. Deputados:*

**Partido Social-Democrata (PPD/PSD):**

Manuel da Costa Andrade;  
Mário Jorge Belo Maciel.  
Mário Júlio Montalvão Machado.

**Partido Socialista (PS):**

António Cândido Miranda Macedo.  
António Manuel de Oliveira Guterres.  
Jaime José Matos da Gama.  
João Cardona Gomes Cravinho.  
Manuel Alfredo Tito de Moraes.  
Mário Nunes da Silva.

**Partido Renovador Democrático (PRD):**

José Emanuel Corujo Lopes.  
Roberto de Sousa Rocha Amaral.

**Partido Comunista Português (PCP):**

Octávio Floriano Rodrigues Pato.

**Centro Democrático Social (CDS):**

Narana Sinai Coissoró.

A REDACTORA, *Maria Leonor Ferreira.*

PREÇO DESTE NÚMERO 56\$00

*Depósito legal n.º 8818/85*

IMPRESA NACIONAL—CASA DA MOEDA, F. P.

